



**FANZINE E OFICINA:
ARTICULAÇÕES PARA UMA PRÁTICA MOLECULAR EM EDUCAÇÃO**

FANZINE AND WORKSHOP:
ARTICULATIONS FOR AN EDUCATIONAL MOLECULAR PRACTICE

FANZINE Y TALLER:
ARTICULACIONES PARA UNA PRÁCTICA MOLECULAR EN EDUCACIÓN

*Luiz Guilherme Augsburger
Gicele Maria Cervi*

RESUMO

Em uma sociedade onde a informação pulula a cada segundo e as determinações se multiplicam por todos os lados; em uma sociedade onde as modulações são cada vez mais extensivas e intensivas – controle contínuo, nada está acabado, tudo precisa manter-se em um fluxo que modela, que in/enforma constantemente –, enfim, em uma Sociedade de controle, como resistir? É movido por essa pergunta que o texto busca articular as potencialidades do Fanzine, enquanto vacúolo de não comunicação, e da Oficina, como prática de liberdade, para uma prática molecular de Educação. Esse escrito busca a potência criativa – linhas de fuga, possibilidades de existência etc. – através da produção artesanal de revista, enquanto material de expressão composto por uma espécie de *patchwork* (Fazine), e na metodologia experimental de Oficina, enquanto prática educacional desescolarizante (molecular). Todavia, se, por um lado, há tanto no Fanzine quanto na Oficina, especialmente com essa articulação, a potência de lançar ao indeterminado e, com isto, possibilitar a reinvenção, o devir, enfim resistir ativamente aos aparelhos de Estado e seus controles; por outro, ambos, Fanzine e Oficina, em sua própria natureza, podem ser utilizados de modo que redundem em uma prática molar, de maneira que reiterem a escolarização; a captura é sempre uma iminência, não havendo garantias ou seguranças – apenas experimentações, cuidado e potência.

PALAVRAS-CHAVE: Fazine. Oficina. Educação. Molecular.

ABSTRACT

Living in a society where the information is growing at each second and the determinations multiply everywhere; in a society where the modulations are more and more extensive and intensive – continuous control, nothing is finished, everything must be in a flow which shapes, it constantly in/conform –, in a Society of control, how to resist? It is driven by this question that this writ seeks to articulate Fanzine's potentials, as vacuoles of noncommunication, and Workshop's potentials, as practice of freedom, for an educational molecular practice. This text search the creating power – lines of flight, possibilities of existence etc. – by the hadcraft production of maganize, as material of expression made up by a patchwork (Fanzine), and Workshop's experimental methodology, as deschooling educational practice (molecular). However, if on the one hand there is, either at Fanzine as at Workshop, specially with this articulation, the power of moving to the indeterminate and thereby to enable the reinvention, the becoming, to resist actively the States apparatus and their controls; on the other hand both, Fanzine and Workshop, on their own nature, may be used in a way that end in a molar practice, in such manner that reiterate the schooling – the capture, it's always an imminence, there are no warranties or securities, just experimentations, care and power.

KEYWORDS: Fanzine. Workshop. Education. Molecular.

RESUMEN

En una sociedad donde la información pulula a cada segundo y las determinaciones se multiplican em todas partes; en una sociedad donde las modulaciones son cada vez más extensivas e intensivas – control continuado, nada está acabado, todo precisa mantenerse en un flujo que modela, que in/conforma constantemente –, en fin,

en una Sociedad de control, cómo resistir? Es movido por esta pregunta que este texto intenta articular las potencialidades del Fanzine, como vacuolas de no comunicación, y del Taller, como práctica de libertad, para una práctica molecular de Educación. Esto escrito busca la potencia creativa – líneas de fuga, posibilidades de existencia etc. – a través de la producción artesanal de revista, como material de expresión compuesto por una especie de *patchwork* (Fanzine), e en la metodología experimental de Taller, como práctica educacional desescolarizante (molecular). Sin embargo, si por una parte hay tanto en el Fanzine como en el Taller, especialmente por la articulación de dichos, la potencia de lanzar al indeterminado y, con esto, posibilitar la reinención, el devenir, en fin, resistir activamente a los aparatos de Estado y sus controles; por otra parte, ambos, Fanzine y Taller, en su propia naturaleza, pueden ser utilizados de modo que redundan en una práctica molar, de manera que reiteran la escolarización; la captura es siempre una inminencia y no hay garantías o seguridad – solo hay experimentaciones, cuidado y potencia.

PALABRAS CLAVE: Fanzine. Taller. Educación. Molecular.

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade onde a informação pulula a cada segundo e as determinações se multiplicam por todos os lados, em uma sociedade onde as modulações são cada vez mais extensivas e intensivas – controle contínuo, nada está acabado, tudo precisa manter-se em um fluxo que modela, que in/enforma constantemente –, enfim, em uma “Sociedade de controle”, como chamou Deleuze (1992), como resistir? Uma das possibilidades está, segundo o filósofo francês, em criar “vacúolos de não comunicação”: pequenos espaços vazios em que os aparelhos de controle cessem seu funcionamento, percam sua efetividade, mesmo que por um curto período de tempo, ainda que em uma pequena porção de espaço. Não se trata de falar *mais*, de (re)produzir mais, mas, ao contrário, de *subtrair* – criar por subtração, n-1.

É no entrecruzamento desta perspectiva de resistência com a ideia de educação como exercício de pensamento – e pensamento como criação –, e do educador como aquele que mergulha e vive no nível da miséria dos educandos para de lá criar, é que o Zine, como vacúolo de não comunicação e a Oficina, como a experimentam Preve (2010), Corrêa (2000) e Godoy (2014), aparecem como potencialidades de uma educação molecular, práticas que não estejam pautadas no campo do molar.

Buscamos, desta feita, problematizar a articulação a produção desta espécie de “revista” artesanal, enquanto material de expressão composto por uma espécie de *patchwork*, e a metodologia experimental dessa prática educacional desescolarizante, que é a oficina enquanto prática de liberdade. Para tanto compomos o texto em quatro partes: na primeira seção introduzimos ao leitor o Zine enquanto meio de expressão. Na segunda parte busca alargar a dimensão do que é um Zine para pensar sua potência enquanto “vacúolo de não comunicação”. Na terceira seção articulamos essa potência do Zine com a ideia de Oficina enquanto prática de liberdade. Por fim, traçamos algumas considerações finais acerca do que pode um Zine, especialmente quando pensado articulado com a perspectiva educativa da Oficina.

2 ZINE, FANZINE, *FANATIC MAGAZINE*

Surgidos nos anos de 1930 nos Estados Unidos com publicação de escritos de ficção científica (*Sci-fi*), os “Fanzines” receberam esse nome apenas na década seguinte. O termo é o acrônimo das palavras inglesas *fanatic* e *magazine*, que se poderia traduzir por “revista de fã”, segundo Magalhães (1993, p.9). Ainda nas palavras do autor:

O fanzine é uma publicação alternativa e amadora geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente. É editado e produzido por indivíduos, grupos ou fã-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, *hobby* ou gênero de expressão artística para um público dirigido e abordando, quase sempre, um único tema (MAGALHÃES, 1993, p. 09).

Os Fanzines (ou apenas “Zines”) são veículos de expressão de opiniões e produções livres de censuras, especialmente as ligadas a lucratividade, demanda, tiragem ou outros limites com os quais as publicações comerciais e acadêmicas normalmente têm de se deparar. Ante esta potencialidade, o Zine logo deixa de abranger apenas os temas *Sci-Fi* e de atender aos desejos de escritores do gênero para expandir-se a diversas outras áreas, como as Histórias em quadrinho (HQ), que passaram a ocupar lugar de destaque dentro da história dos Zines (MAGALHÃES, 1993). Outro exemplo desta expansão do Zine é a mescla deste com a cultura punk, ao ponto de tornar-se elemento de destaque dentro da difusão e composição dessa cultura (BIVAR, 2001).



FIGURA 1 – Fanzines

Fonte: <<http://goo.gl/C2iFzG>>

É característica do zine que os editores se encarregam do processo completo – muitas vezes incluindo a própria impressão do produto final, implicando por um lado um, maior esforço por parte do editor, porém, por outro lado, uma maior liberdade de criação. Com um caráter artesanal o zine demanda um labor que se liga ao prazer em sua produção e distribuição. Por conta deste caráter “amador” que se liga ao desejo de quem o produz, a

periodicidade do zine é inconstante, apesar de se verificar alguns poucos casos em que esta é mais ou menos regular, todavia, mesmo esta efemeridade não corresponde necessariamente a uma característica negativa desse tipo de publicação. A despreocupação como uma regularidade faz com que haja uma espontaneidade e um prazer vinculados à produção deste tipo de material, tornando-o mais potente no que tange a criatividade: sem prazos, o “zineiro” (alcunha daquele que produz Zine), possui mais tempo para maturação das ideias e para a composição do Zine. Essa outra relação com o tempo estabelece outra relação do zineiro com sua obra, feito o artífice de Sennett (2009, p.20) ele “focaliza a relação íntima entre a mão e a cabeça. Todo bom artífice sustenta um diálogo entre práticas concretas e ideias”. E neste diálogo do fazer ligam-se desejo e liberdade em sua elaboração, o que torna o Fanzine uma publicação muito distinta dos demais veículos de “comunicação” (MAGALHÃES, 1993).

Segundo Magalhães (1993) para constituição do zine deve-se ter em mente os seguintes elementos: 1) o tema; 2) o público; 3) o formato (tamanho e diagramação); 4) o volume (número de páginas); 5) a tiragem. E no que concerne à produção do zine teríamos as seguintes etapas: 1) seleção de material; 2) composição e ilustração; 3) paginação; 4) intercalação; 5) distribuição e venda; 6) divulgação. Entrementes, mesmo estas duas séries de elementos, que podem ser, grosso modo, encontrados neste tipo de publicação, não são indispensáveis, bem como a ordem dos elementos na produção deste não é inalterável.



FIGURA 2 – Interior do Zine “*No eliges lo q haces hasta q no lo: deshaces*”

Fonte: <<http://goo.gl/N1kn9S>>.



FIGURA 3 – Interior do Zine “*Las hojas que más molan, volando desde las alcantarillas*”

Fonte: <<http://goo.gl/vZUAUy>>.

Estas características apontam um caráter experimental e indeterminado que faz parte da própria natureza do Zine [figuras 1, 2 e 3], uma vez que este está sempre disposto a agregar elementos novos e a deslocar-se para campos ainda não explorados (MAGALHÃES, 1993), como é o caso de E-zines (zines digitais/virtuais) (ZAVAM, 2007a) ou ainda de zines audiovisuais [respectivamente figuras 4 e 5], a despeito de alguns zineiros que guardam certo apego ao clássico (ZAVAM, 2007b).

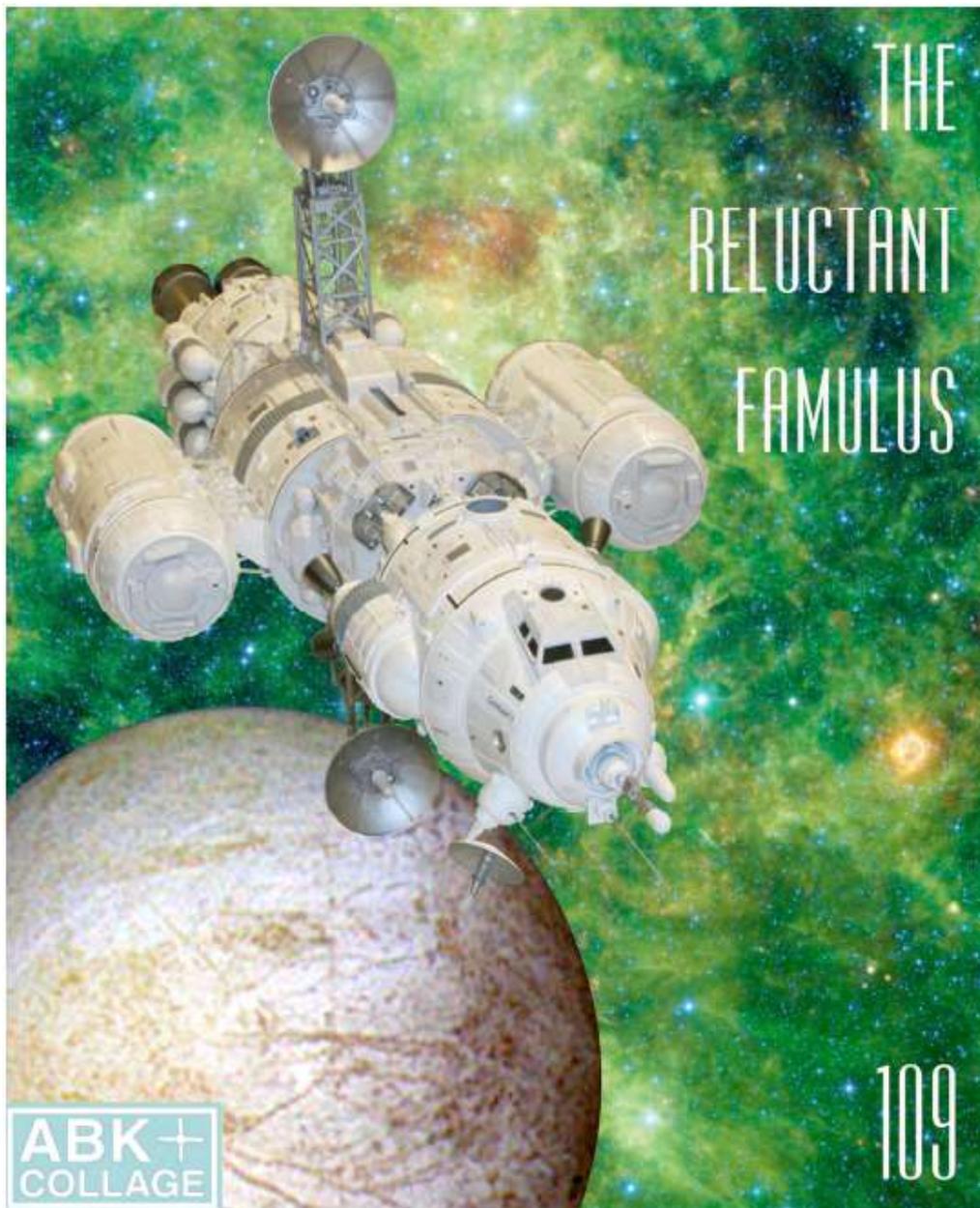


FIGURA 4 – Capa do E-zine “*The reluctant famulus*”Interior do Zine”

Fonte: <<http://goo.gl/bYfGzw>>



FIGURA 5 – Trechos do Zine audiovisual “Pró-grama: um antiprograma”

Fonte: <<http://goo.gl/IWpCkS>>

Outro elemento que distingue um Zine é sua forma de divulgação e distribuição que de modo diferente de outras publicações não está vinculado ao lucro, muitas vezes estão inclusive desvinculadas da compra e venda, uma vez que é muito comum a troca de Zines (MAGALHÃES, 1993). Mesmo no caso de sua “comercialização” o valor está muito mais atrelado a preços simbólicos e/ou para custeamento de sua produção do que um pagamento que produziria lucro. Isso permite aos Zines desprenderem-se de toda uma rede comercial que limita e direciona a produção à revelia de seus produtores e em favor de uma lógica capitalista de informação e produção.

Enfim, traçamos essas linhas mais ou menos duras do que “é” um Zine para delas desdobrar o que *pode* um Zine, uma vez que nessa forma de expressão a experimentação e a indeterminação são elementos nitentes, pois, assim como um fractal lança mão de uma equação muito simples para dar vida a figuras muito complexas (MANDELBROT, 2008), o Zine, dispondo de pouquíssimos limites quanto à matéria-força e à forma-expressão que o compõe, permite uma intensa relação de apropriação e recombinação (de materiais e formas já existentes) em seu labor artesanal de produção.

3 ZINE E VACÚOLO DE NÃO COMUNICAÇÃO

*“...antes de existir Computador existia a tevê
antes de existir tevê existia luz elétrica
antes de existir luz elétrica existia bicicleta
antes de existir bicicleta existia enciclopédia
antes de existir enciclopédia existia alfabeto
antes de existir alfabeto existia a voz
antes de existir a voz existia o silêncio
o silêncio!”*
(Arnaldo Antunes; Carlinhos Brown)

O Zine é uma forma de expressão historicamente marginal (não obstante a absorção de alguns de seus elementos por meios de comunicação comerciais) cujas formas de produção lançam mão de estratégias experimentais que podem ser aproximadas à composição de um *patchwork*, além de um grau considerável de “indeterminação”. No que diz respeito ao *patchwork*, “com seu pedaço por pedaço, seus acréscimos de tecido sucessivos e infinitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p.182), o Zine é composto com uma colcha de retalhos, onde partes são reorganizadas num novo arranjo.

Essas partes são muitas vezes retiradas, parcialmente ou totalmente, de outros lugares, são textos e imagens, ou áudios e vídeos no caso dos e-Zines, de revistas, jornais, sites etc. que o zineiro utiliza, articulando-as com suas próprias produções, para compor seu material final. Podem num mesmo produto misturarem-se imagens produzidas à mão, xilogravadas, recortadas de revistas, textos fotocopiados, escritos com caneta ou com letras tiradas de um *flyer* de propaganda. As limitações estéticas do Zine são pouquíssimas, são mínimas para manter uma consistência. Essa “indeterminação” torna o Zine um meio assaz potente de criação. Pois, assim como um fractal utilizando uma equação muito simples dá vida a figuras muito complexas (MANDELBROT, 2008), o Zine, dispondo de pouquíssimos limites quanto ao material utilizando e quanto à forma de expressão, permite uma intensa relação de experimentação e recombinação em seu labor artesanal de produção.

Por mais que exista uma “função” comunicativa no Zine, esta é parcial, uma vez que tanto no modo de fazê-lo quanto no modo de lê-lo não há uma codificação, um modelo estrito a se seguir. Ao contrário, há sempre uma margem, um deslizar – quase como um surfista precisa saber seguir a onda, numa técnica aberta, num “entrar em núpcias com as ondas”

(LINS, 2008, p.60) –, uma potência de “desterritorialização¹” (DELEUZE; GUATTARI, 2008) que advém das núpcias entre o vazio e o desejo, a matéria e a expressão, aquele que diz e a palavras que permite e exige não só outros modos de escrevê-lo, mas também de lê-lo. É nesse ponto que o Zine converge com o que Deleuze (1992) chama de “vacúolo de não comunicação”. Tratam-se de pequenos vácuos onde não se dá a comunicação, “espaços” onde a informação não passe, não impere, não determine.

É preciso criar vacúolos de não comunicação [...]. A comunicação está preenchendo tudo, ela age por ocupação, por comprometimento do espaço. A concentração enjoativa de informação, sua disponibilidade em qualquer lugar, nos impede o vazio, o silêncio. Ocupados o tempo todo pelo comunicacional, quando nos encontramos com outras pessoas, quando intensidades outras podem ser desfrutadas, nos atemos a trocar mensagens. Conversamos verdadeiros textos escritos (CORRÊA, 2006, p. 166).

Compor um Zine, nesta potência, faz silenciar-se antes de dizer alguma coisa, torna-se buscar o vácuo no qual a indeterminação permite criar, permite expressar, não apenas comunicar, mas dar fluxo àquilo que não foi dito, àquilo que não poder ser dito – àquilo que escapa à comunicação. Produzir um Zine demanda o esforço de esvaziar a tela em branco repleta de “clichês” (DELEUZE, 1990) para dar vazão a uma espécie de palavra sem valor monetário, que não poderia circular nos meios de massa das grandes corporações. Criar interruptores na rede de controle (CORRÊA, 2006), fazer buracos na tela (DELEUZE, 1990), nas palavras, nas imagens e seus significados.

Enquanto ao controle “não importam os pensamentos, nem a luta interna consigo, nem a vontade contrária ao que deve ser dito, nem o chamado dos instintos, mas o controle do que se exterioriza. Dizer o que deve ser dito, não o que se quer dizer” (CORRÊA, 2006, p.40), ao Zine importa esse outro e o não dever. Não se trata apenas de “contra-informação”, mas de vazios onde possa respirar o não-informativo. O Zine pode dar ao leitor, então, a experiência do que, fugindo aos moldes, o força a traçar um caminho, a fazer conexões, a não comunicar com a precisão de “dizer o que deve ser dito”, como deve ser dito.

Trata-se, então, de uma potência de expressar no *dever*: dever do escritor que faz emergir algo novo no Zine; e no dever do leitor, que aprende, ou melhor, inventa uma nova língua, uma nova leitura – práticas menores, potências de resistência ativas às forças molares, linhas de fuga que devem e que assim põem em dever aqueles que se envolvem nesse processo de educação.

¹ A “desterritorialização” é aqui compreendida segundo Deleuze e Guattari (2008) como força que desloca do território, que descodifica e lança ao deserto – deserto físico, mental, simbólico etc, no qual não há referências prévias, semelhanças a modelos. Neste os movimentos têm de desdobrar-se do múltiplo diferenciando-se, criando o novo.

4 OFICINA, ZINE, PRÁTICAS MOLECULARES EM EDUCAÇÃO

A concepção de oficina, enquanto prática de liberdade, que buscamos aqui articular parte das experimentações educacionais realizadas pelo Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT), na Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pela professor Maria Oly Pey e que buscava ser um espaço aberto “para pesquisar e desenvolver oficinas com foco nas Ciências Naturais” (CORRÊA, 2000, p.117). Todavia com o tempo a experiências que se começaram na escola desdobraram-se em novas práticas, chegando

a um ponto em que as oficinas já eram uma produção totalmente imprópria à escola. Sua abertura aos mais diversos temas de estudo, a não limitação de faixa etária aos participantes, seu constante estado de *work in progress*, a não hierarquização dos saberes nem das funções, a impossibilidade de acontecer mantendo a organização de uma sala de aula, os sons que produziam e sua não compulsoriedade eram elementos por demais agressivos à organização escolar. Assim, com o tempo, a decisão de investir nas oficinas tornou-se a decisão de desenvolver um trabalho em educação que não correspondesse às exigências da escolarização. Não havia mais como retroceder. As oficinas, em sua simplicidade, com seu alcance tão limitado e imediato, eram a primeira experiência que tínhamos fora da escolarização e, enquanto aconteciam, quer acontecessem em escolas, universidades ou em outros lugares, levantavam débeis abrigos, nem aqui nem ali, *entre*, pequenas florações de saber: invenções sem efeito escolarizante. (CORRÊA, 2006, p.28)

Reside nesta invenção não escolarizante a potência para se abrir brechas no conhecido? Se a assumimos como uma possibilidade, e não uma certeza, de acessar o desconhecido, essa potência aproxima-se do que Mengue (2013) chama de “política da indeterminação”: a potência política ligada ao desconhecido, à produção de uma zona de indeterminação ou a busca por viabilizar o contato com esse desconhecido como modo de criação e atuação política. Isto, por sua vez, implica reduzir e afrontar os investimentos em segurança, as certezas do mesmo, intentando o contato com o *Outro*.

Por fim,

[c]omo estratégia em educação distinta da escolarização, mas que surge das escolas, a oficina evolui como que para a sua desmaterialização, para um ponto em que dela não seja mais desejável dizer nada. Não mais um sistema identificável, apreensível, avaliável, mas cujos efeitos se fazem sentir na capacidade de desmontar tentativas de docilização para a produção de homens úteis. (CORRÊA; PREVE, p.198)

A simplicidade, seus contornos borrados e limites móveis, as potencialidade inventivas tão vivas e as forças ativas de resistência tão pulsantes da oficina, como os autores supracitados a compreendem, e mais, a inventam e experimentam, aproxima-se deveras daquilo que parece ser a potência de um Zine, do que *pode* um Zine. Além disto há outras dimensões que aproximam e fazem reverberar um no outro, Zine e Oficina, a saber, a necessidade de um estudo que antecede a produção, a ausência de uma finalidade pedagógica de ambos, a não-hierarquização entre os participantes em sua composição e o desejo que move a produção.

Ambos, Oficina e Zine, correspondem a uma prática educacional que não toma um conteúdo a ser ensinado, mas antes um espaço de aprendizagem no qual não há uma

obrigatoriedade/determinação do que se *deve* aprender, não há condução (*gogos*) a um dado ponto. Ambos põem em jogo mais que uma vontade de verdade, ou uma mera expressão de opinião (*doxa*); há neles um processo de autoeducação, pesquisa e cuidadoso labor de criação, assim, como um artífice que para talhar na madeira precisa selecionar cuidadosamente seu material e suas ferramentas de trabalho, o zineiro e o oficinairo precisam de um processo de estudo para eleger as matérias e ferramentas que lhes parecem mais adequadas a sua composição. Assim também, Zine e Oficina, são práticas em que a ausência de hierarquia aparece como um elemento forte que vai justamente reforçar aquilo que são suas linhas de forças desescolarizantes, quebrando-se conjunta e indissocialmente com as burocracias ligadas aos modos molares de educar – disciplinas, conteúdos, relações professor-aluno etc. Ainda há que se ressaltar a presença do *desejo* neste íterim; aquele que produz uma Oficina, tal como a experimentam Corrêa (2000), Preve (2010) e Godoy (2014), move-se interpelado pela expressão: “Do que você gosta?”. Essa demanda pelo que toca o desejo de fazer/saber/viver do oficinairo é, de certo modo, essencial para esta prática de oficina; nela o oficinairo tem a possibilidade de eleger seus temas de estudo, fontes, propostas e o local mais interessante para o que pretendem fazer; é, então, o desejo que o move a compor a oficina, é, outrossim, o desejo que vai reunir pessoas interessadas para participarem da prática – e, aí, o oficinairo se colocam à disposição para compartilhar seus saberes e aprender com os outros. Este mesmo componente do desejo aparece no Zine, é também a partir do que gosta que o zineiro faz sua composição, ele elege tema, forma, conteúdo, fontes e inclusive local de distribuição do material; é em torno – entre outras coisas – do desejo que também vai se reunir as pessoas interessadas em “participar” do Zine, isto é, seus leitores – não sendo um produto de massa, o alcance dos fanzines está intimamente ligado a uma trama formada por pessoas nele interessadas.

Se juntamos essa prática de oficina à produção de Zine, se realizamos uma oficina em que se produza uma espacialidade e uma temporalidade em que o Zine seja potencializado e aproximado de uma “política da indeterminação” (MENGUE, 2013) dispõe-se tanto aquele que o escreve, quanto aquele que o lê às potências do devir. O Zine, em uma dinâmica de oficina experimental, abre ao oficinairo e aos participantes da oficina não tão-somente um espaço de comunicação, de informação ou de sujeição à uma política de identidade ou de representação como as linhas duras de um Zine parecem propor; nem mesmo abrem apenas espaço de produção através da relação matéria-forma – como se vê nas Revistas que em geral circulam nas bancas e dos panfletos (e sua lógica de propaganda, seja política ou comercial), entregues nas ruas, que vão rapidamente localizar o modo e o sujeito de enunciação. Não é esta relação de determinação de modos de escrita-leitura do Zine e de sujeito de escrita-leitura da Oficina que poderíamos frisar como elemento diferenciador da articulação Zine-Oficina naquilo que tange a uma perspectiva práticas menores ou a uma política/ética/estética de uma educação molecular.

Enquanto a maquinaria escolar, por exemplo, operaria em uma lógica molar: políticas públicas, normatização, escolarização, avaliações, performatividade, competitividade, visibilidade, hierarquias, burocracias e outras medidas que reproduzem a lógica abstrata de um modelo em diversos níveis da sociedade; as práticas moleculares operam por desvio,

singularização, quebra de modelo e fuga, linhas de fuga... O que não torna a relação entre essas “formas” de educação (molar e molecular) uma mera oposição ou dicotomia, pois são termos inversos, porém assimétrico, podendo estabelecer entre si diversas relações de força, inclusive podendo coexistir.

Nesta articulação com a oficina, enquanto prática de liberdade, o Zine, antes, é, ou melhor, *pode* ser um lugar de produção através de “linhagens tecnológicas” que dão expressão a singularidades e através de agenciamentos que agrupam e fazem funcionar elementos heterogêneos a partir de uma sensibilidade de artesão (GODOY, 2014).

No encontro do Zine, tomado como esse “acontecimento” (DELEUZE; GUATTARI, 1980) que dilacera a identidade através da produção de “vacúolos de não comunicação” (DELEUZE, 2008), com a oficina se podem traçar linhas de fuga à sujeição maquínica do Sociedade de controle. Esse encontro lança ao indeterminado e permite, com isto, a redobra do Fora em um processo de subjetivação, que dá a possibilidade ao indivíduo, através de uma prática de “educação menor”, de reinventar-se, de devir, de fabular. Fabulações que resistem ativamente aos Aparelhos de Estado e seus controles...

5 ZINE, OFICINA, MÚLTIPLAS POTENCIALIDADES

Diante de uma sociedade de controle contínuo e comunicação instantânea (CORRÊA, 2006; DELEUZE, 2008; PASSETTI, 2003) o Zine apresenta-se como uma resistência na medida em que pode descontinuar tanto a comunicação quanto o controle, abrindo a possibilidade do devir do diferente por meio dos vacúolos de não comunicação. Este meio de expressão alia labor e prazer, criação e desconstrução como formas de não sujeição e crítica (MAGALHÃES, 1993).

Em certa instância ele resiste criando, educando sem escolarizar, pois “não produzir efeitos escolarizantes é abrir espaço para o desconhecido; reduzir o investimento na segurança do mesmo, é querer o outro; não cultivar esperanças que fazem esperar e que consolam” (CORRÊA, 2006, p.28). Neste sentido o Zine faz reverberar as potências da oficina enquanto prática de liberdade, ele quebra a segurança – a segurança de quem fala, como fala, de onde fala; a segurança da leitura, quem lê, de onde lê, como lê. O Zine quando produz tais vacúolos torna-se potência de educação, educação menor, educação que abre às fugas das codificações linguísticas e sociais, fuga de agenciamentos (coletivos) de fala (DELEUZE; GUATTARI, 2008), é potência de educação, educação num sentido amplo, num sentido “anarquizante” (PASSETTI, AUGUSTO, 2008).

Apesar de isto não implicar uma totalidade da natureza do Zine, é justamente neste âmbito de incerteza – incerteza do que é – que ele opera, que ele permite, que ele pode, que potencializa a experimentação e elaboração de outros espaços, outras linguagens, do Outro; é neste sentido que ele abre a certas liberações, invenções, desterritorialização etc. Ao mesmo tempo, não se trata de imputar a outros meios (de expressão) a impossibilidade de gerar tais “buracos” e vazios, mas de perceber – aqui especificamente no entrecruzamento Oficina-Zine – a força do devir que retorna, que desloca e lança (além ou aquém) fazendo a vida borbulhar

em potência... Práticas menores são práticas nômades, linhas de fuga, “linhas de fuga são abalos e rompem com o esperado” (PASSETTI, 2007, p. 25). Todavia, se há uma potência menor neste encontro supracitado entre Oficina e Zine, há que se lembrar que “o Estado e a práticas de educação molares atuam por meio de políticas de domesticação, da pichação para o grafismo escolarizado” (PASSETTI, 2007, p.25) e assim com aqueles são capturados e convertidos nestes, o Zine pode ser linha de fuga, pode ser estratégia de criação, todavia pode ser capturado e pode, aí, virar “um modelo”. Não se trata de uma contradição, mas de potencialidades, múltiplas e não simétricas, usos, relações, práticas com um Zine, uma Oficina, a Educação. A captura é sempre uma eminência, não havendo garantias ou seguranças – apenas experimentações, cuidado e potências...

REFERÊNCIAS

BIVAR, Antônio. **O que é punk?** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CORRÊA, Guilherme Carlos. **Educação, comunicação, anarquia:** procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006. 200 p. Disponível em: <<http://goo.gl/WE3EV0>>. Acesso em: 08 set. 2016.

CORRÊA, Guilherme Carlos; PREVE, Ana Maria Hoepers. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolíticas e fugas. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 37, n. 02, p. 181-202. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/iXxr9h>>. Acesso em: 08 set. 2016. ISSN 2177-5788.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo.** São Paulo: Brasiliense, 1990. 338 p. Disponível em: <<http://goo.gl/rWcGa2>>. Acesso em: 08 set. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992. Disponível em: <<http://goo.gl/2Nj5wA>>. Acesso em: 08 set. 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. v. 05. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 2008. 207 p. Disponível em: <<http://goo.gl/6QjnJd>>. Acesso em: 08 set. 2016.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo.** 22. ed. São Paulo: Globo, 2009. 397 p. Disponível em: <<http://goo.gl/OEe8dn>>. Acesso em: 08 set. 2016.

LINS, Daniel. Deleuze: o surfista da imanência. In: LINS, Daniel; GIL, José (Org.). **Nietzsche/Deleuze:** jogo e música. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, 2008, p. 53-75.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

MANDELBROT, Benoit. Fractais: uma forma de arte a bem da ciência. In: PARENTE, André. **Imagem máquina:** a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: 34, 2008. 300. p. 195-200. Disponível em: <<http://goo.gl/hkzErJ>>. Acesso em: 08 set. 2016.

PASSETTI, Edson. **Anarquismos e sociedade de controle.** São Paulo: Cortez, 2003.

PASSETTI, Edson. **Anarquismo urgente.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

PASSETTI, Edson; AUGUSTO, Acácio. **Anarquismos & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisão e fugas**: cartografias intensivas em educação. 2010. 347 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/3bKvd1>>. Acesso em: 08 set. 2016.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009. 364 p.

ZAVAM, Áurea Suely. E-zine: uma instância da voz dos e-xcluídos. In: ARAÚJO, Júlio César. **Internet & Ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a.

ZAVAM, Áurea Suely. Fanzine: a plurivalência paratópica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 06, n. 01, p. 09-28. jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/xKJnat>>. Acesso em: 12 jun. 2007. ISSN 1982-4017.

LUIZ GUILHERME AUGSBURGER

Mestrando em Educação
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Florianópolis, SC – Brasil
E-mail: luizg.augs@gmail.com

GICELE MARIA CERVI

Doutora em Ciências Sociais
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP
São Paulo, SP - Brasil
Professora Doutora
Departamento de Educação
Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB
Blumenau, SC - Brasil
E-mail: gicele.cervi@gmail.com

Recebido em: 08/09/2016

Aprovado para publicação em: 31/10/2016

Como citar este documento:

AUGSBURGER, Luiz Guilherme; CERVI, Gicele Maria. Fanzine e oficina: articulações para uma prática molecular em educação. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 875-888, nov. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646446>>. Acesso em: 16 nov. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/etd.v18i4.8646446>.